



São Cristovão

**mesa
posta**

#15





Viver a Cidade

: Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível?

O filósofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões, proferida por José Gil
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014

Memória(s) caiada(s)

: Nuno Ramos

A memória da aldeia é a memória conjunta de todas as pessoas que nela nasceram, habitaram conheceram, viveram e amaram, numa intrincada malha de fios que o tempo teceu e costurou. A memória desta aldeia é como um talego, feito de pequenos pedaços de lembranças ligadas pelas vidas das gentes, em tudo semelhantes às vidas das gentes alentejanas a quem calhou por sorte este pedaço de chão dourado coberto por um teto de sol.*

Cada testemunho aqui registado transporta em si uma forma única de ver a aldeia, contribuindo com a plasticidade própria da experiência pessoal para uma visão e memória coletivas que por vezes tocam o esperado, mas também o surpreendente.

Com este projeto, resgatam-se finas camadas arqueológicas da memória dos últimos trinta, cinquenta, oitenta anos, da aldeia e montes da freguesia de São Cristóvão. Fragmentos caiados e coloridos de música, dança, teatro, manifestações religiosas, arquitetura, natureza e trabalho, que contribuem para fixar, tal como numa fotografia, a paisagem interior desta comunidade.

*Talego

- saco de pano feito com pequenos retalhos de tecidos coloridos, costurados. Serve, tradicionalmente, para guardar o pão.





O Baile do Pinheiro e a Roleta

Nuno Ramos (N) à conversa com

Amália Carvalho (AC) e Carmelinda Tomé (CT)

N - Vamos falar sobre o baile do Pinheiro e a Roleta, é isso?

AC - Era na segunda-feira de Páscoa, havia o baile do Pinheiro e havia uma roleta que era um jogo. Saía um prémio ou amêndoas, com mais quantidade ou menos quantidade, e em geral eram sempre amêndoas que saíam, ou não saía nada.

N- Amêndoas, está a falar das amêndoas com açúcar?

AC - Sim, amêndoas, de Páscoa.

N- E era um saco de amêndoas?

AC - Não, aquilo era um pacotinho, nesse tempo não eram pacotes, eram pacotinhos. Pois é. Nem era isso, era um cartucho feito com papel pardo, como o que as mercearias usavam. A roleta tinha os números, mas nem

todos os números eram premiados. A gente dizia o que queria e a pessoa que lá estava é que desandava à roleta. O número que aparecesse era premiado ou não era.

AC - Estamos a falar só do baile do Pinheiro.

CT - Quando se juntava a mocidade toda, tanto daqui da aldeia como as dos montes e faziam-se grandes bailes.

AC - E era também na quarta-feira de Cinzas. Era, era pela Páscoa e pelo Carnaval.

CT - Falava-se no baile do Pinheiro e ia tudo para o baile.

N -Era numa localidade chamada Pinheiro? Era o monte que tinha esse nome?

CT - Ainda hoje existe o monte do Pinheiro. E ainda lá moram pessoas, aliás.

N - E quem é que era o proprietário, lembram-se?

CT - Nesse tempo era não sei se era dono ou se era arrendado.

AC - Era o Menga.

CT - Mas era o Manel, não era o António José

CT - Pois, eu lembro-me também do Amaro. Mas era do outro monte lá mais abaixo. Eram famílias que já moravam por aqui há muitos anos.

N - E a Carmelinda também ia a esses bailes?

CT - Íamos todas a pé. Aquilo era uma festa, era uma alegria, era uma felicidade. E pronto, e arranjavam-se lá namoros, e namoravam-se

AC - E desarranjavam-se (risos)

CT - Exatamente. Outros deixavam-nos que era assim mesmo, hoje é com o telemóvel. Ali era assim.

AC - Quando eram os namoros, por exemplo, um rapaz namorava uma rapariga, mas naquele baile deixava de namorar aquela e ia namorar outra. Era um arrebetão.

AC - "A fulana levou um arrebetão". E no outro dia toda a gente falava nisso.

N - E quem é que organizava o baile? Era a comunidade toda que organizava?

CT - Sim, sim.

AC - Era uma tradição. Não havia especificamente, uma pessoa organizadora. Quer dizer, sempre havia uma pessoa ou duas para tratar do acordeonista.

N - E como é que se pagava isso? Por exemplo, o acordeonista, como é que se pagava?

AC - Era tudo só por animação.

CT - Acho que não se pagava nada.

AC - Se alguém quisesse contribuir com alguma coisa, penso eu... por exemplo com um lanche ou outra coisa qualquer, mas não havia um ordenado.

N - Então, ajudem-me a perceber. Vocês saíam daqui à hora de almoço?

AC e CT - Depois do almoço.

N - Caminhavam uma meia hora? Mais?

CT - Não deve ser muito mais.

AC - É longe, mas repare que raparigas novas, para ir para um baile... Se fosse para ir trabalhar, eram capazes de demorar mais tempo.

(risos)

N - E depois encontravam-se lá com as outras pessoas?

CT - Tal e qual. Juntávamos rapazes, raparigas...

N - Mas vocês não conheciam as pessoas do campo?

AC - Não. Não se ligavam muito.

N - Ah, essa era a parte que tínhamos falado no outro dia, havia aqui uma certa separação

CT - Eu isso não sei. Como eu ia com o meu grupo...

AC - Pois, lá está. Ias com o teu grupo

CT - Exatamente. Com o meu grupo. Três, ou quatro, ou cinco. Era com quem a gente convivia. Com quem a gente se dava. Lá está. Tal como havia, da mesma aldeia, grupos de raparigas mais velhas. Em que a gente não podia entrar. Porque éramos, por exemplo, mais gaiatas. Está a ver? Diferenças de idade. Mas lá está. Tudo da aldeia, tudo da aldeia.

AC - Já havia naquela altura um certo

afastamento. Os da aldeia e os do campo

N - O que vocês levavam? Levavam comida convosco?

CT e AC - Nada. Nada. Nada.

AC - A gente só ia dançar. Só sapatos para dançar.

N - E o que se dançava nesses bailes?

AC - Ah, era um senhor que era primo meu, que era um acordeonista. Era só música sem letras e era tudo de ouvido. E as pessoas que queriam cantar, também cantavam.

N - E vocês cantavam quando iam para lá e vinham para cá?

AC - Não sei, não sei. Eu cantava muito era quando andava no trabalho do campo. Quando eu ia para os bailes não me lembro.

N - A Amália ainda canta e tem uma voz tão bonita. As pessoas elogiam...



CT - Exatamente.

AC - Eu não tenho vaidade nisso Não tenho vaidade nem presunção.

CT - O meu pai... Quando a gente era menor e queria ir para o baile do Pinheiro, ele arranjava sempre trabalho para nós fazermos num bocadinho de terreno que tínhamos. Com a gente a vê-los a passar pela estrada e a cantar e a fazerem barulho... Quando a gente ia para lá, já quase eles vinham para cá. (risos)

CT - E ao fim da tarde íamos todos para casa. Quando se punha o sol.

N - E a roleta era quando?

AC - A roleta começava quando começava o baile. E durava até o baile durar.

AC - Antigamente também havia o baile da Rosa, o baile da Pinha, o baile do Malmequer. Mas no campo era só o baile do Pinheiro, na quarta-feira de cinzas e na segunda-feira de Páscoa.

CT - O baile da Pinha é o que eu me lembro bem, era lá em baixo, na Sociedade.

AC - Mas escute, no próprio dia de festa também havia baile na Sociedade. À noite. Depois, na segunda-feira de Páscoa é que já era no campo, mas já tinha havido no dia de Páscoa na Sociedade.

CT - Exatamente. E pelo Carnaval também se fazia uma... Como é que

aquilo se chamava? Das fitas. Com aquele mastro, aquele pau.

AC - Ah, sim, sim. As brincas.

CT - Pois. E ainda hoje está aí o senhor que fazia aquilo (a Contradança). É o pai da Bete, o avô do João Martins.

AC - Era lindo, era maravilhoso. Juntava-se montes de gente aqui no Largo. E aquilo tinha fitas e depois faziam uma dança e iam passando as fitas.

CT - Exatamente. Faziam uma dança, está a perceber? E entrançavam. E depois faziam ao contrário. E depois era desentrançar. E eram homens e mulheres. Não se podiam enganar. Ele ensaiava aquilo muitíssimo tempo antes, com aquelas pessoas. Levava um apito e conforme era o apito, assim era a dança. Eu adorava ver isso.

Esta encantadora conversa terminou com um poema dito pela Amália e a risada contagiante da Carmelinda.





A CONTRADANÇA

Dança das Fitas ou Dança do Mastro - Manifestação cultural da época do Carnaval, consistia de uma marcha e da Dança das Fitas.

Nuno Ramos (N) à conversa com

José Diamantino Martins (JD) no dia 11 de maio de 2025

N – Senhor José Diamantino, vamos falar aqui um bocadinho da contradança.

JD - Sim, a contradança é uma coisa que o meu pai fazia, eu não entrava, porque era muito pequenino. O meu pai fazia, por exemplo, com oito pares, em que eram 16 homens.

N - Só homens?

JD - Só homens, aquilo (era assim), quando era o primeiro dia que se juntavam todos para começar os ensaios, encostavam-se todos à parede. E depois dizia assim:

- Quem não se importar de fazer de mulher, isto é uma brincadeira de Carnaval; quem não se importar passa para aqui. Se vierem os oito que não se importam de fazer de mulher para este lado, temos a contradança feita.

N – Então, em cada par ia um homem vestido de mulher... E como é que começou esta tradição da contradança?

JD - Isto começou do meu pai, eu não sei de onde veio. Só que em 1972 o meu pai fez, e depois em 76 o meu pai também fez, e em 77 eu já entrei. E nunca mais me esqueci do meu verso: - Nós vimos aqui brincar, porque assim o promete. Vimos lembrar o ano de mil nove setenta e sete. A partir daí o meu pai fez mais uma ou duas. E depois, com a idade,

deixou de fazer. E uma vez pensei em fazer e disse ao meu pai. E ele disse: - deixa-te estar sossegado, não és capaz de fazer aquilo. Mas eu decidi experimentar... E então arranjámos o pessoal todo. Arranjámos tudo, acordeão, acordeonista e tudo. Arranjámos dois “policías”. Vestidos à polícia, mas com uma farda cá arranjada pela gente.

N - E quantas pessoas é que entram na contradança?

JD - Para ficar bonito têm que ser pelo menos oito pares. Oito pares, 16 pessoas. Comigo, 17.

N - Consigo 17, e depois os “policías”...

JD – E um senhor para segurar o pau...

N - Porque o pau não era fixo no chão...

JD - Pois, e eu também fazia uns versos para o homem do pau. O último que eu fiz era assim: “Aqui está o homem do pau, para ver se isto é feito. Tanto elas como eles, mantenhiam o pau direito.”

N – (risos) E foi sempre só com homens?

JD - Não, depois aconteceu que eu fiz uma (contradança) na escola com crianças pequenas. Com as crianças e a professora Lurdes. Só que não tinha “policías”, mas tinha acordeonista à mesma.

N - Também no carnaval?

JD - Era só no Carnaval. Era sábado, domingo, segunda e terça.

N - Ah, vocês repetiam?

JD - Sim, a gente andava em São Cristóvão, Escoural, Alcáceres, Torrão, Alcáçovas, Pêgo do Altar, Santa Susana... Montemor...

N - Conhece outras aldeias onde também fizessem a contradança?

JD - Não. Nunca, conheci.

JN - De onde é que o seu pai trouxe esta ideia?

D - O meu pai era das Alcáçovas. Quando começou a trabalhar, começou no campo, depois de carreiro, o carreiro era o que trabalhava com duas mulas e depois de carreiro passou a trabalhar como tratorista. Agora, de onde é que lhe veio esta ideia, não lhe sei dizer.

N - Então, você também fez a contradança com crianças, na escola com a professora Lourdes...

JD - Sim, fiz com as crianças e depois fiz mais uma só com mulheres. Mas a última que fiz, foi já com homens e mulheres. Fiz em 1994, 95 e em 99.

N - Explique-me como é que isto é. Sabemos que tem que ter 16 pessoas, para ficar bonito...

JD - ... E dois meses de ensaio antes do Carnaval. Era sempre à noite e sempre a partir das oito horas. Havia rapaziada que andava a estudar em Montemor e a camioneta chegava aqui às oito. Tinham que ir comer qualquer coisa, ensaiávamos a contradança e depois tinham que se deitar cedo para no outro dia irem a um quarto para as sete para Montemor...

N - E as fitas? Quem comprava as fitas?

JD - Era assim. Cada um escolhia a cor que queria. O pau fazia eu, só que aquilo era madeira e apodreceu e eu mandei fazer de outra maneira, em ferro. O pau ao longo dos anos foi-se degradando porque ele ficava um ano parado dentro de um casão.

N - Era uma coisa para ter que altura?

JD - Três metros e oitenta ou três metros e vinte, consoante o que a gente queria fazer... Quando eu apitava, eles começavam a alargar todos, quer dizer que estavam todos formados. E o pau estava ao meio. Era o início. E era tudo a toque de apito. Não havia voz nenhuma.

N - Tinha o mastro, o que vocês chamam de pau, e as fitas...

JD - E nas fitas havia uma argola redonda, para eles agarrarem. Cada um comprava a sua fita. Depois da gente fazer a contradança de Carnaval perguntávamos “quanto custou a fita”, mas praticamente só um ou dois é que queriam o dinheiro da fita.

N - Então todos os anos eram fitas novas? Fitas de tecido?

JD - De seda. As fitas eram de seda. Além das fitas, cada um tinha um arco. Era meio parecido com os das marchas. Cada par fazia o seu arco (com flores de papel).

N - Como é que começava a contradança? Começava junto ao mastro?

JD - Não, não, não. Começava com uma marcha com os arcos. Quando chegávamos à rua, saíamos logo todos alinhadinhos. Eu à frente e depois havia uma altura em que eu apitava. E sempre com o acordeonista a tocar. Eu dava um apito, eles paravam. Se eu não quisesse que eles parassem, eles desviavam. Se eu quisesse que eles parassem, eu apitava.



N - Você comandava com o apito.

JD - Exato. Uma volta. Uma meia volta. Uma volta para trás. Eles arrancavam. Eu apitava. Eles cruzavam. Este para aqui. Este para ali. Cruzavam tudo e iam fazendo a trança (à volta do mastro).

N - Tinha uma coreografia ensaiada...

JD - Sim, mas de cada vez fazia uma coisa diferente.

N - E a coreografia era da sua cabeça? Ou eram ideias que você já tinha herdado do seu pai?

JD - Estas ideias eram da minha cabeça. E os versos também eram da minha cabeça. Eu fazia os versos para cada um.

N - Como é que se faziam os arcos? Era com o quê? Com canas?

JD - Não, não, com silvas.

N - Com silvas?

JD - Ia-se ao campo e cada um arranjava (uma haste de silvas para) o seu arco. Quando tínhamos os 16 arcos combinávamos com os senhores da padaria e íamos cozer os arcos.

N - Para eles ficarem com aquela forma?

JD - Sim, eles metiam os arcos lá no forno e ficavam daquela forma... Mas a gente, nos ensaios, não ensaiávamos com arcos. Fazíamos os gestos sem os arcos.

N - Acha que seria possível voltar a fazer a contradança?

JD - Não é fácil, é preciso gente e têm que ter disponibilidade. Hoje em dia ninguém tem tempo. Antigamente a juventude era uma



coisa, agora é outra. Isto precisa mesmo de tempo para ensaiar. São dois meses... Não é fácil. Exige muita prática.

N - As roupas que vocês usavam eram roupas típicas alentejanas?

JD - Era a roupa que eu escolhia, não queria roupas muito escuras, gostava de cores mais alegres.

N - E porque é que havia a figura do "polícia"?

JD - Era para guardar, fazia de senhor da autoridade. Às vezes havia uma pessoa ou outra que se aproximava e ele dizia: - Ó, se faz favor, desvie-se lá um bocadinho... Era tudo na brincadeira.

N - A contradança era uma forma de se divertirem no Carnaval e agora percebo

porque é que o senhor gostava.

JD - Nós gostávamos, até o meu pai gostou de ver, porque pensava que não era capaz de fazer e depois viu ainda, duas ou três vezes.

N - O seu pai ainda viu? Deve ter ficado orgulhoso de si.

JD - Ficou, sim.

A conversa com o senhor José Diamantino Martins seguiu ao ritmo da dança, com muitas fotografias em cima da mesa e a explicação detalhada das diferentes fases da Contradança, os esquemas coreográficos e a memória de um tempo em que o Carnaval era festejado nas ruas da aldeia. Teatro e Festas de São Cristóvão

Poema de agradecimento ao Senhor Lecas, que mandou construir uma escola na Herdade da Caeirinha para as crianças dos montes.

"Venho aqui muito descontente, senhor Estada.

Quase a chorar.

Queria-lhe dar hoje um presente, mas nada pude arranjar.

De manhã, mal acordei, fui ao jardim do papá.

Uma rosa procurei, mas não há.

Do meu cabelo ondulado, uma onda lhe tirava.

Mas minha mãe não me deixa por causa do penteado.

Se um boneco lhe servisse, eu tinha escolha franca.

Mas a senhora Maria Branca também diz que é tolice.

Roubava ao céu estrelado uma estrela das mais formosas.

Mas a coisa é dificultosa e roubar, sempre é pecado.

Vendo assim, por mais que faça,

maldades os meus desejos,

dou-lhe um apertado abraço e meia dúzia de beijos."





Teatro e Festas de São Cristóvão

Nuno Ramos (N) à conversa com

a professora Benvinda Quenino Soeiro (BS)

N- Hoje é dia 9 de maio, o dia a seguir à escolha do novo Papa, Leão XIV, e vamos conversar sobre o teatro que já se fez aqui na aldeia, a festa da aldeia, que é muito antiga e outras pitadas de história que forem surgindo.

A Benvinda foi professora aqui na aldeia, durante...

BS – Aqui, foram 25 anos.

N – Benvinda, começemos pelo teatro, pode ser?

BS - O teatro já existiu, agora já não existe, acabou. Não se tem feito, mas fez-se durante muitos anos. Lembro-me de ser pequena e de já haver teatro aqui. Já havia grupo de teatro, Teatro e Festas de São Cristóvão

N- Hoje é dia 9 de maio, o dia a seguir à escolha do novo Papa, Leão XIV, e vamos conversar sobre o teatro que já se fez aqui na aldeia, a festa da aldeia, que é muito antiga e outras pitadas de história que forem surgindo.

A Benvinda foi professora aqui na aldeia, durante...

BS – Aqui, foram 25 anos.

N – Benvinda, começemos pelo teatro, pode ser?

BS - O teatro já existiu, agora já não existe, acabou. Não se tem feito, mas fez-se durante

muitos anos. Lembro-me de ser pequena e de já haver teatro aqui. Já havia grupo de teatro, havia uma banda, uma pequena banda de música.

N - Sabe que, em relação à música, desde que cheguei há quatro anos à aldeia, pergunto-me se havia tradição musical, porque o Alentejo é conhecido pela tradição do cante e de outras formas musicais, mas isso aqui não chegou a ser muito marcante, pois não?

BS - Havia essa banda, uma banda pequena de jazz, que pertencia à Sociedade, portanto ao grupo União Sport Sancristovense. Chamava-se “Banda Alma e Vida”. Depois os teatros começaram a partir daí. Houve muita gente...

N - Quem é que era a pessoa que movimentava essas pessoas todas?

BS - Havia aí um rapaz que já morreu, que era o Joaquim António, era irmão de uma cunhada minha. Esse Joaquim António era uma pessoa muito dinâmica para essas coisas e com muito jeito para o teatro. O Joaquim António e o tio dele, o Chico Rosa é que dinamizavam muito isso, faziam essas peças. Eles ensaiavam e escreviam... o Chico Rosa escrevia versos e o Joaquim António tinha muito jeito. Também havia muitas marchas, as mais antigas de São Cristóvão foi esse Joaquim António que escreveu.

N - E essas marchas eram parecidas com as marchas populares de Lisboa?

BS - Sim, era parecido, era do género, até porque no adro da igreja, pelos santos populares, faziam-se sempre marchas. Fazia-se a fogueira no tempo em que havia muita gente, ali no largo da igreja. Morava ali muita gente, muita gente nova, havia muita juventude e depois as pessoas do resto da aldeia também iam lá. Chegavam-se a fazer três fogueiras na aldeia.

N - Nos santos populares?

BS – Sim, fazia-se a fogueira lá no adro da igreja, fazia-se outra aqui ao meio desta rua que vai para baixo e houve uma altura em que eu também organizei algumas aqui, neste largo e até no pátio da escola. Chegámos a fazer lá fogueiras e depois tínhamos um barzinho para vender coisas, vendíamos alcachofras. E as pessoas passavam ali um serão divertido.

N - As pessoas ponham a alcachofra a queimar...

BS - ... Depois colocavam em cima do telhado para ver se floria ou não, e se o amor era correspondido. Agora já não se faz nada disso, já ninguém liga a isso, mas era sempre aquela tradição de irmos apanhar as alcachofras e fazer a fogueira.

N - E sobre o teatro e as peças de teatro, quais eram os temas?

BS - Na Sociedade havia livrinhos com peças de teatro que eles arranjavam. Havia lá vários livrinhos, faziam-se mesmo peças de teatro, chegámos a fazer dramas. Eu, pelo menos, fiz alguns dois dramas, mas era mais comédia, fazia mais comédia.

N - Ainda tem fotografias dessa altura?

BS - Tenho, tenho fotografias, mas desses (teatros) mais antigos não tenho. Os meus

irmãos, os dois mais velhos fizeram parte também do teatro. Ainda me lembro de ser miúda, pequena, e de ir com os meus pais ao teatro e ver o meu irmão mais velho a representar. E o outro mais novo, ele depois é que acabou por me levar para o teatro. Eu já tinha 16 anos, quando comecei a fazer teatro. Já o meu irmão lá estava. O meu irmão, ele esteve na tropa, portanto ainda esteve em Moçambique. Foi militar e esteve 30 meses em Moçambique e participou lá, em peças de teatro. Ele estava na região da Beira, estava a guardar a barragem de Cahora Bassa, na altura em que a estavam a construir. O meu irmão fazia parte desse grupo e, enquanto lá esteve, fizeram uma peça de teatro que ele depois trouxe para cá.

N – Então não eram só peças que já tinham sido escritas, mas as pessoas também escreviam algumas coisas atuais.

BS – Ele adaptou à realidade de cá. Era antes do 25 de Abril...

N - Eu também sei que vocês faziam aqui um bocadinho de crítica social...

BS - Algumas coisas...

N - E as pessoas reconheciam isso? Percebiam ou não?

BS - Sim, percebiam e riam-se. As pessoas riam-se, ninguém levava a mal, era mesmo para dar graça. Depois, houve uma altura em que eu e o meu irmão fizemos cá essa peça grande, que fez um grande sucesso, chamava-se “Música, Amor e Sarilhos”.

N – Música, Amor e Sarilhos, ... tinha tudo para dar certo.

BS – (risos) Tínhamos música nesse tempo, tínhamos quem tocasse, até o Panoias é que veio tocar numa dessas peças. E então foi feita por duas vezes. A primeira vez eu não entrei. Entrei depois, anos mais tarde quando eles voltaram a fazer a peça, já depois do 25

de Abril, e aí já se podiam dizer certas coisas que ele teve que cortar da primeira vez.

N - E as peças de teatro aqui? Aconteceram com alguma regularidade até quando?

BS - Olhe, eu acho que... deixe cá ver... eu acho que a última vez ainda havia a telescola cá. Sim. Ainda havia aqui a telescola, estava cá o professor Valente. Eu lembro-me que fiz um drama dessa vez. E depois acabou assim, de repente, por volta de 1985.

N - Não se fez mais nada?!

BS - Não se fez mais nada porque a direção da Sociedade deixou de participar. Portanto, nós fazíamos aquilo para ajudar a Sociedade. Eles depois já tinham tudo feito, mais ou menos. Já tinham a sociedade comprada. Já tinham as obras todas feitas. Já tinham tudo, aquela parte lá em cima... Já não havia motivação. E depois os teatros faziam barulho. E as pessoas queriam estar lá a ouvir a televisão. Ou era a televisão muito alta que nos incomodava a nós nos ensaios. E houve uma altura em que nós parámos de lá ensaiar. As dificuldades começaram a aparecer. E acabou-se. Ainda houve uma altura em que o Francisco Águas quis recomeçar. Ainda recomeçaram. Fizeram ainda umas peças, mas também acabou. E depois não houve continuidade.

N - Pode ser que um dia...

BS - ... ainda se recupere. Alguém que pegue nisso.

N - É isso, é pegar nessas coisas que eram importantes. E em relação à festa da aldeia... é uma tradição muito antiga, não é?

BS - Essa festa é muito antiga. Quando eu nasci já havia... Nesse tempo começava logo no primeiro domingo de junho. Espere um pouco que eu tenho que mostrar uma coisa... (edição fac-similada do jornal “Folha do Sul”

do ano de 1944)

BS – A feira começou por ser aqui no Largo. Aqui é que se fazia. Ao princípio punham-se ali umas barracas, contava o meu pai, eu não me lembro desse tempo. O meu pai é que contava que era ali a feira. Tinham barracas e vendiam coisas. Hoje é que já praticamente não há feira. Só há festas.

E era também uma feira de gado. Passavam os rebanhos todos. Logo de manhã começávamos a ouvir o chocalhar. Vinham dos montes, dos campos. Era lá em cima, à entrada da aldeia. Faziam as vendas, os negócios.

N - E como é que isso se liga à festa religiosa?

BS - Havia essa parte do gado, mas depois a festa religiosa, naquela altura, acho que era à tarde. Fazia-se a procissão às seis da tarde, por aí.

N - Ainda se faz?

BS - Faz, mas é de manhã. Agora faz-se tudo de manhã. Dantes lançavam os foguetes. Estávamos deitadinhos e começava o barulho. Vinhamos da festa às tantas da noite e começavam os foguetes às sete da manhã. Era a alvorada. Agora já não fazem isso dos foguetes. E depois às nove chega a banda da música. Vem sempre a banda da música que começa a tocar e vai buscar as Festeiras a casa. Vai tocando pelas ruas da aldeia.

N – Portanto, ainda fazem isso.

BS - Ah, sim, fazem isso. O senhor presidente da Junta, já está à espera da banda. Vão buscar o Juiz em primeiro lugar e depois vão buscar as Festeiras a casa. E cada um tem lá a mesa posta para os receber.

N – A expressão que acabou de dizer é exatamente o nome desta revista, “Mesa posta”.

BS - Mesa posta. É verdade. Cada Festeira recebe o Juiz, eles entram, comem e bebem. E

S. Cristóvão Industrial

Deve começar dentro de
as a funcionar na locali-
de de S. Cristóvão uma
cina de serralheria mecâ-
ca dotada de todos os
quínismos modernos e di-
da por operários compe-
tes.

A abertura desta nova ca-
constitui um apreciável
necífico para a lavoura da
guesia.



ainda pelas seus excelentes dotes
de carácter e impõe «A Folha do
Sul» pelo apuro e pela isenção
com que se tem servido das suas
colunas para pugnar pelos supe-
riores interesses de S. Cristóvão.

Agradecendo-lhe a valiosa co-
laboração que nos vem prestando,
apresentamos-lhe os protestos do
nosso maior apreço e da nossa
sincera estima.

Mercoarias
Materiais
para construção civil
Agente da Companhia
de Seguros
A ULTRAMARINA



Largo Dr. Oliveira Salazar
S. CRISTÓVÃO

JOAQUIM VACAS BANHA

om oficina de abegão
e ferreiro
CARPINTARIA

Trabalhos de construção
civil e mobílias
Materiais para construções

Largo Dr. Oliveira Salazar-39
S. Cristóvão

EDITAL

*A Junta de Freguesia de S. Cristóvão
faz público que se realiza no primeiro do-
mingo de Junho a sua feira anual, muito
concorrida em gados de todas as espécies,
barracas de quinquilharia e divertimentos.
Esplêndido local com fartura de águas.*

*S. Cristóvão, sede da Junta, em 1 de
Dezembro de 1944.*

O Presidente da Junta
JOSÉ HENRIQUE VACAS

estão ali um bocadinho a descansar. Voltam
outra vez e vão buscar outra. E depois,
andam umas meninas com a colcha, atrás da
banda. Vão pela rua, passam, tocam à
campainha e as pessoas fazem uma doação.
Vão atrás da banda a fazer isso. É de manhã.
Depois é a missa, às 11 horas. E a seguir à
missa é a procissão. É sempre uma grande
procissão e muito bonita. Vem sempre muita
gente. Uns para verem só e outros para
participarem.

N- E depois da procissão?

BS - Depois cada um vai para as suas casas.
A festa é mais à noite. Houve uma altura,
depois do Largo, passou além para o Largo do
Correio. Ainda não havia além o Correio.
Ainda não havia além aquelas casas que
estão ao pé do Correio, mas havia ali um café
numas casas que agora estão fechadas. Já
houve muitas lojas aqui. Havia tanta loja e
tanta taberna. E tanto café. Havia lojas de
fazendas, lojas de vidros. Tinha três
sapateiros, ferradores...

N - Ainda se mantêm aqui dois serralheiros...

BS - Havia carpinteiros, o José Luís era um
excelente carpinteiro/marceneiro. Foi sempre.

N - Falámos sobre as festas de São Cristóvão,
mas também havia bailes.

BS - Os bailes. Havia o baile da Rosa, o baile
do Malmequer, o baile da Inspeção... Os
moços iam à inspeção. Antes de irem à tropa,
iam à inspeção. Muitos da aldeia iam em
cada ano e quando vinham da inspeção
organizavam sempre um baile. Era sempre
em Janeiro.

N - Eram oportunidades para as pessoas
conviverem e se conhecerem.

BS - E havia sempre muita gente que vinha.
Mas depois as pessoas começaram a ficar
mais separadas.

N - Sim, antes havia a necessidade de
trabalharem juntas. Tinham que trabalhar
em equipa, porque não havia outra maneira.
Difícilmente se sobrevivia de outra maneira.
E à medida que foram criando alguma
independência, foram-se afastando. Até
chegar a este momento em que estamos
agora. Mas eu acredito que isto dá uma volta.

BS - Eu também tenho essa esperança. Anda
toda a gente muito infeliz.

N - E já começamos a perceber porque.
Temos é de conviver mais uns com os outros.

BS - As pessoas hoje, parece que convivem
pouco, cada um fechado...

N - Lembra-se da semana passada quando
se deu o apagão? A aldeia ficou cheia de
gente na rua. Foi engraçado.

BS - Não havia luz e as pessoas foram todas
para a rua conviver!

No decorrer desta conversa a professora
Benvinda mostrou jornais e fotografias
antigas relacionadas com a aldeia de São
Cristóvão, assim como letras de algumas
marchas e a lenda de São Cristóvão em rima.

A LENDA DE S. CRISTÓVÃO

Benvida Quenino Soeiro

São Cristóvão é uma aldeia
No Alentejo perdida,
Mas não deixa de ter vida
E nem por isso é mais feia.
Podem não fazer ideia
Mas quem a conhece melhor
Sabe bem o seu valor.
É uma terra de tradição
Que ostenta em seu brasão
O santo seu protetor.

O seu nome está ligado
A uma lenda muito antiga
Não há ninguém que não a diga
Até “de cor e salteado”
Pois ouviu-a no seu passado
Aos seus avós à lareira
Contada desta maneira:
“Num tempo há muito já ido
Um povo surgiu aqui, perdido,
Nas margens desta ribeira.

Por aqui foram ficando
(Fatura de água e terra boa
Não foi decisão à-toa)
As terras iam cultivando

Os seus animais criando
E assim viviam bem.
Mas havia algo, porém,
Que os estava a incomodar,
Não terem onde ir louvar
O seu Deus como convém.

Gente de fibra, aquela!
Movidos por sua fé,
Decidiram pôr de pé
Uma pequena capela
Que fosse bonita e singela.
Todo o povo reunido,
O local foi escolhido
Na Herdade da Serrã,
P’ra onde levaram de manhã
O material recolhido.

No outro dia, que espanto!
Quando chegaram ao local
Repararam que o material,
Quase como por encanto,
Desaparecera, entretanto.
Ficaram muito intrigados
Até um pouco assustados,
Correram a procurá-lo
Vindo mais tarde a encontrá-lo
Aqui mais para estes lados.

Mas não desistiu, este povo,
Trabalhando com afã
Levou tudo para a Serrã
E foi começar de novo.
(Um feito que eu muito aprovo.)
Mas segundo reza a lenda
Sem que ninguém o entenda
De noite, como por magia,
Tudo desaparecia,
Era uma coisa tremenda.

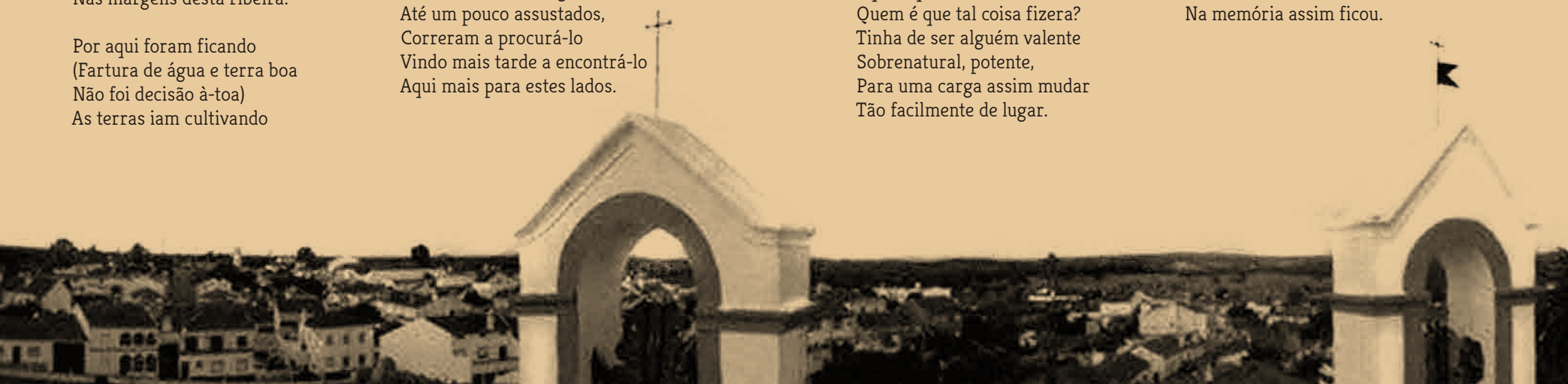
De manhã voltava a aparecer
Sempre no mesmo local
Seria aquilo um sinal?
Que queria dizer?
Decidiram então erguer
Ali mesmo a sua ermida
Prosseguiram a sua lida
Sem que faltasse jamais
Qualquer um dos materiais,
Correu em paz sua vida.

Mas não lhes saía da mente
Aquilo que acontecera
Quem é que tal coisa fizera?
Tinha de ser alguém valente
Sobrenatural, potente,
Para uma carga assim mudar
Tão facilmente de lugar.

Um nome surgiu adiante,
São Cristóvão, um gigante
Capaz de rios atravessar.

São Cristóvão era barqueiro
Muita gente transportou
Aos ombros Jesus levou
Como se fosse o mundo inteiro.
Foi eleito seu padroeiro
Por esse povo de então
E de geração em geração
Por todos tem sido adorado
Aos ombros sempre é levado
Pelas ruas em procissão.

Hoje está no seu altar
Na igreja construída
A partir da dita ermida
Neste bendito local.
E foi ao redor da qual
Que esta aldeia se formou
Foi crescendo e prosperou.
Sempre esta lenda lembrando,
Aos seus netos foi contando,
Na memória assim ficou.



Marcha do Largo da Igreja (1954)

: Joaquim António Banha

Largo da Igreja
Tu não tens rival
Vais meter inveja
Neste festival

Vens todo risonho
Cantar sem fadigas
Até parece um sonho
A voz das raparigas

Com tuas brancas casinhas
Que bem de longe se avistam
Onde cantam à tardinha
Teus habitantes bairristas

Acendei fogueiras
Acendei balões
A cantar a marcha
Vibram corações

Vem atrás da marcha
Não mostres canseira
Queimar alcaçofras
Na nossa fogueira

Teu nome elevado seja
Os habitantes o provam
Viva o largo da Igreja
Orgulho de São Cristóvão



Igreja quinhentista de São Cristóvão

Nuno Ramos (N) à conversa com

CARMO BRAGA (CB)

sobre a igreja de S. Cristóvão e as tradições religiosas da aldeia.



N - Hoje é dia 15 de abril, dia em que se assinala a data de nascimento de Leonardo Da Vinci (século XV) e a beatificação da rainha santa Isabel pelo papa Leão X (século XVI).

N - Carmo, pode contar um pouco sobre a Igreja de São Cristóvão, uma vez que é uma guardiã de algumas das suas histórias?

CB - Eu pertencço ao Conselho Económico, não sou propriamente guardiã e não estou há muito tempo também. Estou há bastante pouco tempo. Mas sempre fui aqui criada na igreja e algumas coisas eu sei. A nossa aldeia surgiu à volta da Igreja.

N - Tem ideia, em que século?

CB - A Igreja é de 1500 e qualquer coisa.

N - Século XVI.

CB - Século XVI, sim, por aí. Temos uma imagem de São Cristóvão que é única no mundo. São Cristóvão é conhecido como gigante e a nossa imagem é única porque todas as imagens de São Cristóvão que eu já vi até hoje, e já fiz algumas pesquisas, não têm a mó que o nosso tem. Não consigo explicar muito bem o porquê, mas sempre ouvi as pessoas de mais idade dizerem que a mó era para fazer o contrapeso, porque o Cristóvão era um homem, um gigante, que transportava pessoas de um lado para o outro

do rio. Fazia o transporte das pessoas, mas no momento em que apareceu Cristo em forma de menino, ele achava que, sendo uma criança, precisava de um peso para não irem água abaixo. E então arranjou a mó de contrapeso. No meio da viagem, Cristo estava a pesar, porque carregava o peso do mundo (representado na imagem por aquele globo que o menino tem na mão). O Cristóvão ficou muito aflito e a pensar que não deveria ter levado a mó.

N - É uma imagem única nesse sentido e também bastante antiga?!

CB - É quinhentista. Eu penso que seja do início da construção da capela, porque a capela sofreu algumas alterações. Toda ela foi sofrendo sempre alterações ao longo dos anos. E aquelas duas imagens que estão no altar, São Pedro e Nossa Senhora da Natividade, também devem fazer parte do mesmo conjunto, porque são de alguma forma idênticas às pinturas. E em relação ao tamanho também. A capela batismal, que é onde está a pia batismal, foi reformada. Houve uma pequena reforma em 1900 e qualquer coisa, porque ela antes não era assim. A igreja é de tacos e aquela capela é um bocadinho mais rebaixada. Mas ela já existia, com um chão muito mais antigo, de tijoleira. Assim como as Sacristias, também.



N -Pessoalmente, encanta-me aquela pintura afresco ali na Sacristia. A pintura que tem...

CB - A cruz. Essa cruz foi descoberta muito recentemente, quando a sacristia foi restaurada, há relativamente pouco tempo, penso que em 2009, 2008, por aí. Pensa-se que, à partida, haverá mais. A parede tinha sido pintada de branco e quando se começou a escalar (como nós chamamos aqui, no Alentejo), começou a aparecer aquela zona. Então, quem estava a pintar, escavou mais um bocadinho e apareceu aquela cruz. Não sei se é do início da igreja, se não, mas à partida há mais afrescos por lá. Não sabemos é o quê. Derivado às humidades, aparecem algumas formas. Há mais coisas. Mas estão tapadas com tinta.

N - Esta igreja, além de ser muito antiga e de ter outra particularidade, que nos vai contar mais à frente, a da lenda, ela tem outra curiosidade que é ter um espaço exterior onde as pessoas podem ficar abrigadas.

CB - Um adro. Chama-se adro.

N - Que é até bastante grande para a dimensão da igreja, não é?

CB - Por norma, as igrejas de peregrinação ou de acolhimento aos peregrinos têm adros. Se reparar, a igreja de Santa Susana também tem. Santa

Susana é um ponto de passagem para Santiago de Compostela. Nós não pertencemos aí, mas também poderia ser para quem viesse de outros lados e pernoitasse aqui... Não pertencemos aos caminhos de Santiago, mas estamos aqui muito próximos de Santa Susana

N - E esta procissão que passa por aqui? A dos cavalos...

CB - A Romaria.

N - A Romaria, sim. A igreja poderia albergar os romeiros? A romaria começa onde?

CB - Ela começa na Moita e termina em Viana do Alentejo, na Nossa Senhora de Aires. Portanto, nós aqui seríamos sempre um ponto de passagem de peregrinos para lá, para Nossa Senhora de Aires. A romaria não se fez sempre e quando a retomaram, voltaram a fazer o percurso antigo e fazem sempre questão de passar na nossa igreja. Há alguns anos albergámos a Nossa Senhora da Boa Viagem que eles transportam na romaria. As portas abrem-se sempre para receber os Romeiros. Por norma, quando temos padre, está um padre. Quando não está, eles trazem um.

N - E esta característica, que me parece única, que é a de haver tantos cavalos. Uma Romaria com cavalos

CB - Chama-se mesmo Romaria a



Cavalo. Existe peregrinação a cavalo, peregrinação a pé e até de carro, mas esta é feita a cavalo para os abençoar... Vinham da moita para pedir a bênção à Nossa Senhora de Aires, porque antigamente o cavalo, era um meio de transporte e também de trabalho. Portanto, eles vinham com os cavalos para pedir a bênção e pedir um bom ano de culturas. Agora é mais simbólico.

N -Em relação ao edifício da igreja, é visitável?

CB - É visitável sempre que me contactarem. Basta dizerem, eu vou lá e abro a porta.

N - Há muita gente a visitar?

CB - Nem tanto, porque não está divulgado. Eu já fiz algumas visitas com pessoas que chegam aqui aos cafés da aldeia e perguntam por quem tem a chave. Se me virem ou falarem comigo, eu abro a porta. Por norma, abro sempre a igreja um bocadinho antes da Eucaristia. Quando temos um padre aqui, se baterem à porta, ele também permite o acesso.

N - Muito bem

CB - Talvez não saiba, mas em tempos, tínhamos escola na Igreja. O quinto e o sexto ano eram feitos na casa do Sr. Padre. Portanto, a casa paroquial

também já serviu como escola. Eu não me lembro, não é do meu tempo, mas a minha irmã sim, a minha irmã estudou lá, fez o quinto e o sexto ano.

N - Na rua que desce da igreja também havia uma escola, não era?

CB - Havia, era ainda mais antiga do que esta que eu estou a dizer. Na altura, quando houve escola na casa paroquial, era o Padre Jorge que lá estava. Essa escola que o professor está a dizer, é da altura da minha mãe. A minha mãe, se fosse viva, tinha noventas e qualquer coisa. Portanto, quando fizeram esta escola atual, a minha mãe passou daquela para esta. E a minha irmã também já andou aqui na primária. Mas, sim senhor, havia aí uma escola. Era em frente ao Santo António. É que nós temos alguns passos esses passos pertenciam (a um percurso). Quando os mortos eram velados em casa e antes de irem para a igreja, passavam por esses passos. Existe aqui um em frente.

N - Ah, daí estar aquela imagem na esquina da casa aqui em frente à escola.

CB - Sim, esta imagem (religiosa) também fazia parte dos passos. Passavam depois pela imagem do Santo António, que era caminho da Igreja. E entre a Igreja e o cemitério está o outro passo. São passos fúnebres, porque as pessoas de antes

eram veladas em casa. Na própria casa de habitação. A casa mortuária só foi construída muito recente.

N - Então, não são coisas de há cem anos?!

CB - Não, são coisas mais recentes. E estes passos, quando as pessoas iam para a Igreja, eram o percurso que eles passavam até a Igreja.

N - Entendi. Nós estamos a falar da igreja, mas a Igreja, na verdade, também tem esta extensão física...

CB - Que não é só o templo.

N - Não são só aquelas quatro paredes, não é? Mas também tem estes elementos (distribuídos pela aldeia), por vezes até mesmo a Via Sacra

CB - Sim, por norma, quando fazemos a Via Sacra, que é na Semana Santa, também passamos por estes passos. Mas temos sempre de criar mais, porque só existem três e os passos da Via Sacra, neste momento, são 15. O Papa João Paulo II, acrescentou mais um. O passo do Santo António, foi construído em cima de uma rocha, mas agora está mais protegido... A minha mãe falava até que não era fechado, era um género de buraco, um nicho, onde estava lá a imagem. E agora é que já tem aquele aspeto mais protegido.

N - Sim, interessante isso, não é? E

cada terra tem a sua particularidade.

CB - Exatamente. Não somos todos iguais, não é verdade?

N - Isso é muito bonito, até porque essa diferença é uma riqueza.

CB - Existiam também as Irmandades, que eram a Irmandade das Almas, a Irmandade da Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de São Cristóvão, mas (esta última) é muito mais antiga.

N - E as festividades específicas aqui (da aldeia)? O que é que havia e o que é que há?

CB - As específicas daqui são as nossas festas. As festas tradicionais, que são sempre ao redor de São Cristóvão. São Cristóvão é o padroeiro principal, mas depois temos o São Sebastião. Quase todas as terras homenageiam São Sebastião, porque é o santo que protege das pandemias, das epidemias, tanto que até havia um dito popular muito engraçado que dizia assim "- Temos de levar também o São Sebastião porque a gente não quer bexigas".

N - Portanto, não há problema nenhum em levar dois ou três santos

CB - Nós levamos mais. Podemos falar agora aqui um bocadinho sobre as festas, porque as festas são a homenagem a São Cristóvão. Portanto, as

festas aqui são sempre no terceiro fim de semana, para ser o mais próximo do dia 25 (dia de São Cristóvão). A festa em homenagem a ele é domingo. Nesse dia há três meninas que arranjam o andor e vão atrás de São Cristóvão na procissão, são as festeiras do dia. No domingo São Sebastião vai à frente e no sábado, é o contrário, o São Sebastião vai atrás, que é o santo homenageado, com três meninas diferentes, que são as festeiras desse dia, e o São Cristóvão vai à frente, a abrir a procissão.

N - As Festeiras, são crianças ou jovens naquela idade de transição de criança para a adolescência, é assim?!

CB - Podem ser até mais tarde, mais velhas, sim, solteiras. Eu fui festeira há vários anos e já era uma jovem adulta

N - Esta é uma tradição, uma tradição (religiosa) que se perpetua, porque já existe há muitos, muitos anos e assim continua...

CB - Estão datados alguns registos de 1700, 1800, onde aparecia o "mordomo", que é o juiz das festas. É o juiz que organiza a procissão, que manobra, que diz que se tem que parar ou não parar na procissão. Portanto, vai sempre um padre, mas é o juiz que anda sempre para trás e para a frente a orientar. As procissões são grandes, para a aldeia são grandes. A procissão

maior é sempre no domingo, mas são sempre grandes. Para já porque temos a fanfarra, juntou-se à procissão há pouco tempo, é uma coisa recente. Agora a banda, sempre conheci estas duas procissões com banda, com música.

N - São pessoas que vêm de fora?

CB - Sim, são contratados.

N - Muito bem, Carmo. Acho que conseguimos fazer um apanhado das

principais ideias e, quem sabe despertar o interesse e a curiosidade de quem ainda não conhece a bonita igreja e as festividades desta aldeia que recebeu o nome de São Cristóvão.



LOJAS E PROFISSÕES ANTIGAS

A MARIA ROSA, habitante e natural da aldeia, escreveu esta memória descritiva com nomes de pessoas e profissões antigas que fizeram parte da sua juventude e que ainda se mantêm vivas, graças à sua extraordinária memória. Este testemunho, à semelhança de outros, deve ser lido sem a expectativa do rigor histórico, antes, com a certeza da real emoção que os relatos da oralidade fazem ressoar em cada um de nós.

“Era eu gaiata, com sete anos, entrava pela Ponte da Ribeira onde havia um moinho a fazer farinha tocada a água. Era muito interessante ver as mós a trabalhar e o moleiro a picar as mós uma contra a outra. Moía o trigo e fazia-o em farinha. Mais acima, a fonte, uma represa de água que fornecia toda a freguesia. Toda a gente ia com o seu cântaro buscar a água à fonte. Nessa rua havia a moagem e o lagar de azeite.

Entrando pela rua de São João de Deus que é hoje conhecida como a rua do Chouriço, vivia uma professora, Dona Francisca no prédio do primeiro andar. No quintal, uma senhora costureira

trabalhava fatos de homem e tinha várias raparigas a trabalhar com ela. Faziam casacos, camisas, calças e coletes. A seguir, no mesmo prédio, a senhora Margarida Godinho.

Havia a taberna do senhor António Grilo e a albergaria do senhor Olímpio Barreiras. A senhora Maria Toréu trabalhava fatos de senhora e distribuía o correio. A sapataria do Balsinha e a sua mulher que fazia queijos. A alfaiataria do Manuel Maria e a taberna do Francisco Canejo. Por ali morou o doutor Carlos “Koke”. A loja de fazendas da senhora Ana Silva, mais tarde do Silvestre. A padaria do Farinha e o pão era vendido onde hoje é o Rui.

Na rua 1.º de Maio, nesse prédio que faz canto, era o Feliciano Soares, relojoeiro, e o filho Norberto era ourives. Os outros, Acácio e Armindo eram barbeiros e corte de cabelo só de homem. Na mesma rua, a alfaiataria do mestre Júlio, a taberna do João Belver, a loja de fazendas e café do senhor Consolado, a sapataria do Sebastião Maduro com vários operários, a mercearia do Albino Tourinho e a mulher Alzira.

No Largo, morava o senhor Francisco do Become com as três filhas e um filho, a taberna do João da Bicha, a barbearia do Balugas e a sapataria Simões. O senhor Henrique Teles Quinino, drogaria, vendia ferragens. A taberna do senhor Ramos (o filho comprava peles e também cereais para os animais). A oficina de ferrador do António Ovelheira. O Francisco Cavas vendia mobília e até caixões para os mortos.

Na estrada principal, quando se entra no Largo Oliveira Salazar, uma oficina trabalhava de ferreiro, era do senhor Manuel dos Santos. A seguir, uma oficina de ferrar animais, o mestre Alcinha (mais tarde, a escola). O café do senhor António Godinho, mais tarde do Maçarico. A seguir, o filho abriu uma papelaria que fechou há poucos anos. A oficina do ferreiro do mestre Santos, o qual ele era também o regidor da freguesia. Uma casa onde

se vendia o leite do dia. A padaria, com vários empregados, vendia pão até para Lisboa. Os correios. Havia também um táxi (terminou também há pouco tempo). A junta de freguesia começou além onde mora o José Luís. Onde se vende o pão agora, à noite, era um depósito de farinhas e toda a qualidade de cereais. Era do senhor Torteleano Mendes.

Na quinta do Carrascal, havia uma grande queijaria do senhor António Maria e da mulher Angélica. Isso terminou e o senhor Francisco pensou em fazer ali um bairro e hoje é o bairro do Carrascal. Na rua Doutor José Mouzinho, a famosa Casa Banha, mercearia, padaria, matança de porcos, louças de barro, vinhos. A seguir, o senhor António Tourinho com mercearia e padaria. Era por ali a primeira escola e a seguir a quinta do Mouzinho. A senhora Joaquina Ladeiras não tinha filhos. Deram metade do terreno para o cemitério e o resto a quatro sobrinhos. A Aurora, Florinda, Adolfo e Adelaide. Depois, a igreja de São Cristóvão, santo da igreja católica que nasceu no terceiro século, na cidade de Canaã."



Nova Marcha de São Cristóvão

(Letra e música de Fernanda Matias)

É São Cristóvão
Aldeia do meu coração.
Tem gente boa
E a todos, todos dá a mão.
É muito antiga
Com histórias lindas p'ra contar.
É São Cristóvão
É nela que eu quero ficar!

É uma aldeia pequenina
Com uma escolinha tão linda.
As casas são tão branquinhas
Com barras coloridas e janelas
Floridas.
Nas ruas corre a poesia
Voam cantos pelo ar.
E os risos dos meninos, os risos dos
meninos
Alegram quem lá morar.



É São Cristóvão
Aldeia do meu coração.
Tem gente boa
E a todos, todos dá a mão.
É muito antiga
Com histórias lindas p'ra contar.
É São Cristóvão
É nela que eu quero ficar!
É São Cristóvão
É nela que eu quero ficar!

A “Nova Marcha de São Cristóvão” foi estreada no dia 27 de junho de 2025, no Centro Social e Paroquial, por ocasião da festa de encerramento do ano letivo da escola EB1/JI de São Cristóvão, juntando crianças, utentes do Lar, familiares e amigos, habitantes da aldeia e representantes da Junta de Freguesia e do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo, numa celebração comunitária unificadora e festiva, mantendo o espírito identitário desta localidade que, à semelhança de outras, resiste através da música, do teatro, da dança, da confraternização, da partilha e da solidariedade.

▣ ▣ ▣ Mesa Posta 15 ▣ ▣ ▣ 1ª edição ▣ ▣ ▣ 150 exemplares ▣ ▣ ▣
▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ coordenação Oficinas do Convento ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣
▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ Edição, recolha e organização de conteúdos: Nuno Ramos ▣
▣ Participaram nesta edição: Amália Carvalho, Carmelinda Tomé,
José Diamantino Martins, Deodorata Martins, Benvinda Quenino
Soeiro, Carmo Braga, Maria Rosa Tregeira, Fernanda Matias,
Junta de freguesia de São Cristóvão, Vasco Picaró, Cátia Carvalho Fotografias
cedidas pela Junta de Freguesia de São Cristóvão, Amália Carvalho, Benvinda Quenino
Soeiro e José Diamantino Martins ▣ Edição Gráfica: Miguel Rocha ▣ ▣ ▣ ▣ ▣ ▣
▣ Oficinas do Convento - associação cultural de arte e comunicação ▣ Carreira de S. Francisco, Convento de S.
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo ▣ oc@oficinasdoconvento.com ▣ www.oficinasdoconvento.com ▣



Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontrair, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.

uma iniciativa:

Estrutura financiada por:

com o apoio:

OFICINAS
CONVENTO



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

